



INTRODUÇÃO

O artigo trata de uma pesquisa sobre o uso de filmes pelos professores de História no ensino médio das seguintes escolas estaduais no município de Fraiburgo/SC: Escola de Educação Básica Gonçalves Dias, Escola de Educação Básica São José, Escola de Educação Básica Eurico Pinz.

A pesquisa visa ressignificar conteúdos presentes em livros didáticos de história, aproveitando textos, imagens e filmografias como coadjuvantes. Deste modo, está centrado na utilização adequada de textos, imagens e filmes em sala de aula, em especial no ensino da disciplina de História. Isso se justifica pela complexidade desses instrumentos didático-pedagógicos.

Em um contexto social que está dominado pela cultura das imagens, estas necessitam ser decifradas e compreendidas, extraíndo-se delas todas as mensagens e as implicações referentes a fatos históricos. Para isto, as técnicas de ensino serão mais eficazes no espaço escolar, quando intercaladas com novas propostas pedagógicas durante as aulas, aumentando substancialmente resultados quanto a excelência da aprendizagem.

O filme é um objeto que pode auxiliar, pela linguagem conhecida e pela fascinação provocada nos adolescentes. Trata-se de outra forma de produzir, entender, refletir e criticar historicamente, pois é um documento diferente dos conteúdos dos livros e ao mesmo tempo comum aos estudantes, levando ao entendimento da provisoriação da “verdade” histórica.

Segundo Schmidt, trata-se de “levar à superação da compreensão do documento como prova do real, para entendê-lo como documento figurado, como ponto de partida do fazer histórico na sala de aula” (1998, p. 62). Então a transposição didática do conteúdo histórico associado ao filme deve levar em conta a problematização, o ensino, a construção e reconstrução de conceitos, os diversos momentos históricos da obra (produção e argumento principal) e o documento. Etapas comuns no ensino de História, levando em conta a explicação histórica que motivou o uso da obra cinematográfica.

Muitos pesquisadores rejeitam a ideia de utilizar filmes nas aulas de história, por não terem um cunho tão serio, quanto a história escrita. Porém, Rosenstone diz que é preciso: “Reconhecer que existe mais de uma verdade histórica, ou que a verdade que trazem os audiovisuais pode ser diferente, porém não necessariamente antagônica, da verdade escrita”. (1998, p. 115)

Resumo: O artigo trata de uma pesquisa sobre o uso de filmes pelos professores de História no Ensino Médio das escolas estaduais no município de Fraiburgo – Estado de Santa Catarina. O seu objetivo foi a elaboração de uma pesquisa entre os professores de história do ensino médio das referidas escolas, sobre o uso de filmes na disciplina de história como subsídio pedagógico. A pesquisa foi realizada através de entrevista com quatro professores da área de história que trabalham com o Ensino Médio, nas referidas escolas. Nos resultados apresentaremos as entrevistas dos professores de história, onde colocam que o filme deve estar de acordo com o conteúdo estudado e que deve sempre ser utilizado com um propósito. Na fala dos entrevistados ficou claro que o filme é aula, e que deve ser dirigido para esse fim.

¹ Graduado em Licenciatura em Geografia pela Universidade do Oeste de Santa Catarina (2007); pós-graduado em Ensino de Geografia e História pela Universidade do Oeste de Santa Catarina (2008) e graduado em Licenciatura em História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa/PROLICEN (2012). Email: campagnaroandre@hotmail.com

² Graduado em Licenciatura em Geografia pela Universidade do Oeste de Santa Catarina (2007); pós-graduado em Ensino de Geografia e História pela Universidade do Oeste de Santa Catarina (2008) e graduado em Licenciatura em História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa/PROLICEN (2012). Email: sthiciano@gmail.com

³ Orientadora. Doutoranda em História Cultural pela Universidade Federal do Paraná – UFPR, docente nas Faculdades Integradas de Itararé.

Concebe-se assim que o uso de filmes durante as aulas, especialmente nas aulas de História, é uma opção enriquecedora, desde que o professor se comprometa a desenvolver um trabalho sério e coordenado por métodos que estimulem, por exemplo, a sensibilização, o despertar da curiosidade junto aos estudantes, o interesse e o desejo em saber sobre novos assuntos, proporcionando, ainda, a pesquisa e o aprofundamento sobre os temas estudados em sala de aula.

Fundamentos teóricos

O ensino de história

O ensino de História no Brasil passa por um processo de revisão acadêmica desde os anos 1980 (Schmidt, 1998). Essa revisão propõe uma ruptura com o ensino positivista, o qual trata de uma História que entende o passado como recurso para prever o futuro.

Um dos problemas a serem superados, discutidos na revisão do ensino de História, é a possibilidade de incluir nas aulas o próprio aluno. Saber da sua origem, dos seus saberes, dos seus interesses e expectativas, e com isso tornar a aula de história dinâmica e participativa, considerando na relação de aprendizagem o que o aluno traz de experiências e significados de seu cotidiano, ou seja, da sua realidade mais próxima.

O professor, no anseio de atualizar seu discurso e se aproximar do aluno, utiliza os filmes na sala de aula como alternativa e muitas vezes como substituição, originada pela ausência e ou dificuldades de obtenção do material didático e de outros recursos, como bibliotecas equipadas, museus, locais históricos, pinacotecas entre outros.

O aluno, sujeito que precisa ser levado em conta no ensino, ser humano que transforma a sociedade e também é influenciado por ela, só volta a ser discutido como principal objeto da história – pesquisa e ensino – nos anos 1970, sob tutela dos militares, ou seja, numa discussão isoladamente acadêmica.

O professor, principalmente nas áreas das humanas, que contempla a disciplina de História, deve, sempre que possível, considerar o aluno um agente do meio em que vive. Somos sabedores que o professor não é o dono da verdade, sendo assim o conhecimento do aluno e seu ponto de vista devem ser respeitados e utilizados no processo de construção do ensino-aprendizagem. Ele deve ser um instigador do censo crítico dos alunos, sendo que os professores de História, diferentemente de outras disciplinas,

podem e devem fazer esse contraponto.

Como destaca um dos professores entrevistados, Marcos Antônio Campagnaro, o trabalho do professor em pleno século XXI não é uma tarefa fácil, muito pelo contrário é um trabalho árduo que necessita de muitas ferramentas para fazer com que sua aula não seja apenas mais uma. É então que o uso de filmes, documentários, enfim os recursos audiovisuais, que podem fazer as aulas acontecerem de uma forma dinâmica, atraindo a atenção de seus alunos para o assunto em destaque.

Campagnaro propõe também que os filmes são a história contada através de imagens e que consegue ser facilmente entendida. Relata, dando exemplo do filme *Amistad*, onde através das imagens pode-se ter uma ideia de como era feito o transporte de escravos para a América, das condições do navio, tratamentos dados aos escravos, enfim, fazendo com que o aluno visualize por meio das imagens do filme internalizando o conceito dos fatos.

O entrevistado comenta também o filme *Tempos Modernos*, propondo que pode

ser abordado nos conteúdos entre relação de trabalho e patrão versus empregado no mundo contemporâneo. Pode-se perceber que os proletariados são engolidos pelas máquinas e que as linhas de montagens do inicio do século XX operam com o mesmo mecanismo nos dias atuais, fazendo com que seus empregados se tornem escravos do sistema, onde se der algum problema na peça “ser humano” se troca a peça sem parar a produção. (CAMPAGNA-RO, 2012)

Como relata o professor, esse tipo de filme propicia a possibilidade de um apreender dinâmico e atraente para o aluno, que consegue compreender os fatos de nossa sociedade e desenvolve o censo crítico, visto que por meio da imagem observa-se que os alunos visualizam com maior propriedade o assunto em questão.

Refletindo sobre as possibilidades do uso do cinema nas aulas de História, deve-se levar em conta o filme, sua representação, seu valor como documento e também como produto cultural reconhecidamente importante para os jovens que estabelecem no ensino médio estudos mais aprofundados de História. Frequentemente, os alunos reconhecem no cinema traços do seu cotidiano e da sua cultura.

Tendo isso em vista, entende-se que o ensino de história não pode reduzir-se a memorização de fatos, a informação detalhada dos eventos, ao acúmulo de dados sobre as circunstâncias nas quais ocorreram. A história não é simplesmente um relato de

fatos periféricos. Ela não é um campo neutro, é um lugar de debate, às vezes de conflitos. É um campo de pesquisa e produção do saber, que está longe de apontar para o consenso (SILVA, 1984, p. 78).

No ensino de História o principal objetivo é compreender e interpretar as várias versões do fato, e não apenas memorizá-lo. O importante não é somente o acervo de conhecimentos que se deve selecionar para instruir o ensino, igualmente importante é a maneira como se deve realizar este ensino, o modo como o ensino é trabalhado. Ou seja, a metodologia de trabalho na escola. Podemos estar ensinando para que o aluno saiba responder a uma série de perguntas, mas podemos ensiná-lo a compreender a história e a importância das relações históricas.

Os fatos históricos não se explicam por si só, eles se tornam compreensíveis, deixam de ser mudos, quando colocados em relação a outros fatos dentro de um conjunto maior (PINSKY, 1988, p. 56).

A História enquanto disciplina em nossas escolas, principalmente no ensino médio, onde temos uma clientela jovem, tem uma função primordial na criação de seres críticos para com o meio em que vivem, analisando os fatos do passado para compreendê-los em nosso presente.

Os estudos de história contribuem para formar no aluno a idéia de que a realidade como está foi produzida por uma determinada razão, e mais importante, pode ser alterada ou conservada. Para isso é importante que a História seja entendida como o resultado da ação de diferentes grupos, setores ou classes de toda a sociedade. É importante que o aluno conheça a história da humanidade como a história da produção de todos os homens e não como resultado da ação ou das idéias de alguns poucos. Aqui duas funções se evidenciam como básicas nos estudos da história: capacitar o indivíduo a entender a sociedade do passado e a aumentar o seu domínio da sociedade do presente (TEIXEIRA, 2008, p. 81)

Sob esse enfoque, não tem sentido um ensino de História que se restrinja a fatos e acontecimentos do passado, sem estabelecer sua vinculação com a situação presente. Como não tem sentido analisar os acontecimentos atuais sem buscar sua gênese e sem estabelecer sua relação com outros acontecimentos políticos, econômicos, sociais e culturais ocorridos na sociedade como um todo. Não é possível, portanto, analisar fatos isolados.

Para entender seus sentidos possíveis é imprescindível remetê-los à situação socioeconômica, política e cultural da época em que foram produzidas, reconstituídas suas evoluções na totalidade mais amplas do social até a situação presente (SILVA, 1984, p. 97).

Imagen e história

De acordo com Teixeira (2008, p. 94), foi a partir do século XIX que intensificou-se o desenvolvimento e a expansão de novas linguagens culturais. Com isso, a fotografia, o cinema, a televisão e a informática, por exemplo, trouxeram novos desafios ao historiador e ao professor de história. Esses profissionais tiveram que, além de compreender a natureza das novas linguagens, incorporá-las, percebendo-as como fonte para o estudo e a reconstrução do passado.

Assim, no ensino da História, o uso de imagens tem enfrentado o desafio de se constituírem novas interpretações do documento. Constituir essas novas interpretações equivale a um trabalho de construção de experiências, que poderão colaborar para a consolidação do uso de imagens em sala de aula.

A imagem, hoje, é um dos mais importantes e efetivos meios de comunicação, ratificando que a tecnologia provoca alterações nas formas de pensamento e de expressão. É incontestável a emergência na integração entre as diferentes linguagens e exploração dos meios audiovisuais nos conteúdos referentes à História (MORAN, 1991, p. 63).

Dessa forma, a imagem não ilustra nem reproduz a realidade, ela a reconstrói a partir de uma linguagem própria, cabendo ao historiador aprender a ler, interpretar e compreender essas imagens. O conhecimento de alguns elementos de linguagem cinematográfica vai acrescentar qualidade ao trabalho. “Se a nova geração não consegue converter as imagens em pensamento convergindo na cultura do espetáculo, é porque o professor antes não conseguiu converter o pensamento em imagens, chegar ao aluno” (FERRÉS, 1996, p. 93).

O contato com o mundo do cinema é uma experiência única e marcante. A utilização de filmes na aula de história estimula desde cedo os adolescentes e jovens o hábito de assistir a um filme e, ainda, aprender história de forma contextualizada através das novas tecnologias. Educar pelo cinema é ensinar a ver diferente. É educar o olhar. É decifrar os enigmas da modernidade na moldura do espaço imagético. Cinéfilos e consumidores de imagens em geral são espectadores passivos. Na realidade, são consumidores pelas imagens. E assim, “aprender a ver cinema é realizar esse rito de passagem do espectador passivo para o espectador crítico” (TARDIF, 2002, p.42).

O cinema em sala de aula torna o apreender muito mais dinâmico e atraente, como relata um dos

entrevistados que em uma das escolas tem o projeto “cinema na escola”. Nele, além dos filmes passados durante o semestre em sala, tem-se o “cinemão”, com o qual, a cada fim de semestre, os professores de cada área do conhecimento escolhem um filme a ser assistido por todos os alunos. Isso ocorre no cinema, uma área da escola que comporta todos os alunos. Após a apresentação dos filmes, os professores realizam atividades a ele relacionadas.

O professor entrevistado Carlos Vanz ainda conclui dizendo que “a equipe dos professores das humanas, entre elas a História, possui um acervo com vários filmes, que podem ser explorados tornando o apreender muito mais atraente e compreensivo” (VANZ, 2012).

Usar os recursos didáticos do vídeo ou DVD, televisão e cinema, transformou a perspectiva da aula de história, que tinha o apoio visual ao ensino quase que tão somente nos livros (didáticos e paradidáticos) e imagens de obras de arte, ou de acontecimentos que marcaram a história do período estudado.

Filmes e História

Ao longo do tempo o ensino vem passando por profundas transformações. Com o ensino de história não poderia ser diferente e muitos são os métodos que vem sendo adotados para melhorar este ensino. O cinema, como arquivo da memória, pode se tornar uma fonte de pesquisa histórica, do imaginário e da memória coletiva.

O filme é o suporte de um argumento. Traz uma verdade que pode ser construída com base nos interesses e condições da produção. Por exemplo, o tempo, discussão essencial na História, tem tratamentos diversos de acordo com os interesses artísticos ou comerciais. Mostra-se com isso o interesse de quem produz em, por exemplo, indicar presenças ou ausências.

Segundo Ferro (1992, p. 74), muitos historiadores tradicionais ainda não admitem a ideia da utilização do filme como fonte documental de pesquisa, pois consideram os documentos escritos os únicos detentores da verdade histórica. Torna-se necessário reconhecer que não existe apenas uma verdade e que os audiovisuais podem contribuir para construí-la.

Segundo Parra,

a projeção coletiva exige a intervenção eficiente do professor que deverá interferir sutilmente no esforço da criança em passar da curiosidade, de um saber confuso, global, fragmentado, a um saber

organizado e intelectual. A observação através da imagem projetada e da audição sonora exige, indispensavelmente, uma resistência contra o espírito de festa que estas técnicas sugerem, tendo o cuidado de não se caracterizar como um divertimento, levar em conta que somente a projeção de um filme em sala de aula não agrupa valor ao desenvolvimento do conteúdo e por isso, a necessidade da realização de atividades relacionadas ao assunto apresentado (1985, p. 63)

Ao optar por trabalhar com a filmografia aplicada ao estudo de história, o professor, primeiramente, terá que ter em mente que ele não é crítico de cinema, pesquisador ou especialista e que esta novidade não irá resolver os problemas didático pedagógicos, e tampouco substituirá conteúdos. Para que tudo ocorra de maneira tranquila, o professor necessita planejar a escolha do filme e principalmente qual será o propósito em passá-lo, deixando claro para os alunos como acontecerá a atividade.

Ao fazer uso do filme como conteúdo de ensino, o professor deverá fazer um planejamento prévio, através do qual terá clareza quanto aos objetivos a serem alcançados e sua relação entre os conteúdos trabalhados em sala de aula, que impedirão a passividade do aluno frente a ele, e cujas técnicas e didáticas adotadas devem ativar a classe. Portanto, interromper a projeção nos pontos necessários, voltar o filme, repetir algumas cenas, são meios que os professores devem aproveitar, para desenvolver no aluno a capacidade de observação e criticidade, descoberta das relações entre os fenômenos apresentados através das imagens, as quais reforçarão pontos importantes, ampliando, assim, as informações trazidas pelo recurso audiovisual (NAPOLITANO, 2006, p. 28).

O não entendimento do discurso literário incorporado ao filme levará o aluno à desmotivação, transformando assim, uma atividade que deveria ser, a princípio, entretenimento e lazer, em momentos entediantes e desinteressantes, inviabilizando a aprendizagem objetivada. “Nenhuma imagem fala por si só. Para que ela seja útil na aprendizagem, é essencial a intervenção do professor” (SEVERO, 2004 p. 68).

Como reafirma o professor Marcos Campagnaro,

Sempre que houver necessidade da intervenção no filme, ela deve ocorrer, pois às vezes um comentário realizado no momento da exibição será melhor compreendido pelos alunos, fazendo com que o filme em si se torne parte a aula e não apenas um assistir por assistir, e também se necessário trazer os alunos que demonstram um desinteresse para a retomarem a atenção ao filme (CAMPAGNARO, 2012)

A respeito da relação entre o cinema e a História, comenta Nascimento (2008), que o acesso ao conhecimento

mento histórico através dos filmes é maior do que por meio dos livros didáticos. Apesar de os filmes serem fundamentais no processo de aprendizagem histórica em sala de aula, cabe destacar que eles não podem substituir o livro didático, nem todo o recurso ou material impresso (seja um jornal ou uma revista).

Ou seja, os filmes não podem ser encarados como melhores alternativas ou mais eficazes para dinamizar as aulas de História. É necessária a escolha e seleção do material a ser trabalhado em sala pelo professor, tornando-o um facilitador nesse processo.

Como diz o professor entrevistado, João Ademir Cancelier;

O livro didático é uma ferramenta útil, pois nossos alunos muitas vezes só têm esse material para utilizar em sua casa, pois não tem assinatura de revistas, jornais e muito menos acesso a internet, tornando seu aprendizado reduzido, ai sim a importância do uso desse recurso (CANCELIER, 2012)

Fica evidenciado que o professor necessita utilizar da melhor maneira possível as ferramentas que tem em mãos, sendo estas, o livro didático, um filme ou qualquer outro meio utilizado. Sendo ele um mediador entre conteúdo e alunos, deverá ponderar, para que não haja excessos e que a explicação seja pautada dentro de um olhar crítico, primando para que os alunos desenvolvam a capacidade de discernimento e contestação da visão tanto informada no livro didático, quanto da sua própria realidade.

A história no cinema e o cinema na história

Segundo Nunes (2012):

A experiência educacional mostra que a relação pedagógica exige comprometimento ético de professores e alunos. No entanto, o compromisso ético não deve ser confundido e/ou reduzido a “boa intenção” de quem quer que seja na atividade pedagógica. Em outros termos, o mal uso de qualquer instrumento didático, por mais que alunos ou professores possam estar bem intencionados, pode gerar, por exemplo, problemas que vão do desinteresse dos alunos ao erro conceitual na transmissão do conhecimento. Sem perder de vista que a atividade pedagógica deve propiciar “acontecimentos” nos quais a liberdade humana e o aprimoramento do espírito crítico se efetivem, ela não deve prescindir de “cuidados especiais”.

Entendemos por cuidados especiais ações como: a preparação das aulas em consonância com o plano de ensino, o rigor na escolha do material bibliográfico e audiovisual a ser transmitido aos alunos, à sistema-

tização das discussões, das atividades realizadas e dos respectivos resultados, entre outros.

Nunes prossegue propondo que, se considerarmos que o uso de um filme ou de um documentário pode ter o valor didático aproximado ao de um texto discutido em sala, isto significa que o conteúdo proposto no áudio-visual tem tanta importância e merece, apesar de suas diferenças com relação aos textos, o mesmo rigor e tratamento dado aos conteúdos disponíveis em livros didáticos utilizados como ferramenta de estudo e ensino.

A história no cinema busca analisar os filmes como fonte documental, já o cinema na história não tem apenas fim documental, mas também um papel importante na propagação de ideologias.

As fontes audiovisuais devem ser consideradas fontes históricas partindo do ponto que sempre haverá “verdades” e “inverdades” em cada fonte, dependendo do ponto de vista a ser analisado. O livro didático, uma fonte escrita, por exemplo, traz muitas informações consideradas verdadeiras por seu autor, porém muitas vezes contestadas por outros autores, e nem por isso seu conteúdo é deixado de ser utilizado. Portanto, o que pode e deve ser realizado é uma análise crítica dos fatos, a fim de compreender o que é relevante do ponto de vista didático.

A escrita não vai desaparecer como forma de expressão de um acontecimento passado, porém o historiador precisa se dar conta de que ela não é a via exclusiva de abordagem e que, portanto, deve estar preparado para as novas possibilidades. Não esquecendo que cada uma delas possui particularidades:

As películas nos permitem contemplar paisagens, ouvir ruídos, sentir emoções, através dos semblantes dos personagens ou assistir a conflitos individuais ou coletivos. Sem desdenhar do poder da palavra, deve-se defender a capacidade de reconstrução de outros meios. (ROSENSTONE, 1998. p. 110)

Por sua vez, Nóvoa acrescenta que:

Toda imagem é histórica, na medida em que ela é produto de seu tempo e carrega consigo, mesmo que de forma indireta, subjetividade e muitas vezes inconsciente para quem a produziu, as ideologias, as mentalidades, os costumes, os rituais e os universos simbólicos do período em que foi produzido. (1998, p. 10)

Portanto, o filme não é uma análise perfeita da sociedade, mas baseia-se nela e constrói um contraponto sobre a história. Refletindo sobre a relação cinema-história, Cristiane Nova (1998), toma como adequada a seguinte premissa: todo filme é um documento, desde que corresponda a um vestígio de

um acontecimento que teve existência no passado, seja ele imediato remoto.

Os filmes dividem-se em documentários e não documentários. Os documentários geralmente não possuem atores, e baseiam-se em fatos relatados. Os documentários podem ser úteis ao professor de História, tanto àquele que deseja apenas aproveitar o potencial narrativo da linguagem cinematográfica quanto àquele, principalmente, que deseja polemizar sobre as causas e o sentido de um acontecimento histórico. O valor do documentário pode ficar comprometido pela forma como as imagens são apresentadas e por todos os elementos subjetivos que acompanham a sua produção.

Os não documentários são os filmes que possuem um enredo, uma trama; existe uma infinidade de filmes não-documentários que se reportam ao passado. Todavia, eles diferem bastante uns dos outros, fato que dificulta que lhes seja dado um tratamento científico e sistemático.

Em ambos os casos, há que se ter em conta as observações de Nascimento (2008), segundo o qual, ao aplicar uma atividade com filmes na sala de aula, o professor deve tomar alguns cuidados preliminares, imprescindíveis para o bom desempenho de sua prática pedagógica. Ele elucida duas precauções necessárias: o cuidado técnico-operacional e o metodológico. O primeiro constitui a precaução do professor em verificar, com certa antecedência, o estado dos equipamentos eletrônicos. Já a parte metodológica é o suporte que orienta o bom andamento da atividade pedagógica.

Resultados

A utilização de filmes como recurso pedagógico ou ferramenta didática pode contribuir para que os professores de História ampliem suas práticas educacionais, incorporando-as aos processos de construção do conhecimento histórico.

Foram entrevistados cerca de 90% professores de história que atuam no ensino médio no Município de Fraiburgo, e utilizam filmes como mais uma ferramenta pedagógica.

Como relatam os professores entrevistados, aos poucos o uso de filmes em sala foi uma quebra de paradigma, pois hoje vivemos na era do filme e, na internet, a era do “Youtuber”. Os professores concordam que a ideia de introduzir as tecnologias é boa, mas o professor precisa entender que é uma forma de instigar a curiosidade do aluno em ir bus-

car mais conhecimento.

Todos os entrevistados colocaram que, para trabalhar com filmes, é preciso que este tenha relação com o conteúdo, que se não tiver um propósito, um objetivo, este recurso deixa de ser pedagógico e passa a ser apenas uma sessão de cinema.

Colocaram que tanto o professor quanto o aluno precisam entender que o filme é aula, e que torna-se necessário realizar-se um trabalho posterior, por exemplo, a produção de um relatório, com questões investigativas, debates, relação entre o que foi visto no filme e a sociedade atual. Somente assim a atividade terá validade pedagógica.

Eles também elencaram alguns filmes mais utilizados por eles: entre eles, *Guerra do Fogo*, que relaciona a descoberta do fogo, com as construções de poder, pois quem detinha o fogo, também tinha o poder.

Entre outros filmes citaram: *Coração Valente*, *Tempos Modernos*, *O nome da Rosa*, *O Patriota*, *A Queda - As Últimas Horas de Hitler*, todos como forma de levar o aluno a pensar e trabalhar questões como relação de poder, trabalho, disputa de terras, entre tantos outros temas por eles suscitados.

Relataram também que o próprio livro didático já traz sugestões de filmes para serem utilizados, mas o uso do filme só será verdadeiramente produtivo se o professor souber utilizá-lo de forma pedagógica.

Considerações Finais

Propõe-se que não apenas a escrita, mas o visual faz com que o aluno sinta-se mais interessado em aprender. De acordo com os entrevistados, todo recurso pode ser utilizado, não apenas em história, mas em todas as disciplinas, desde que tenha o objetivo de levar os alunos a criarem consciência crítica e como forma de fixar o conteúdo.

Os autores analisados e os entrevistados parecem indicar de forma mais ou menos comum que a história é uma das disciplinas onde há mais filmes para serem trabalhados, mas ainda assim, entendem que o professor precisa fazer um trabalho após o filme e que este trabalho deve levar os alunos a uma mudança de comportamento na sociedade em que vivem.

Nas palavras do professor João Cancilier: “É preciso gerar consciência, as desigualdades sociais sempre existiram, mas os filmes podem nos ajudar a mudar o futuro para que não existam mais essas desigualdades” (CANCILIER, 2012)

Mas para que isso ocorra é indispensável que

em relação à utilização de filmes no ensino de História, o indivíduo faça uma leitura crítica dos fatos a partir das imagens (cinema, televisão, publicidade etc.), pois elas escondem posturas ideológicas, direcionamentos políticos, valores a serem percebidos pelo observador.

Referências

- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos.** São Paulo: Cortez, 2004.
- FERRÉS, Joan. **Vídeo e Educação.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- FERRO, Marc. **Cinema e História.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- MORAN, José Manuel. **O vídeo na sala de aula.** Revista Comunicação e Educação. São Paulo: Ed. Moderna, 1991
- NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema em sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2006.
- NASCIMENTO, J. C. Cinema e Ensino de História: realidade escolar, propostas e práticas na sala de aula. **Fênix. Revista de História e Estudos Culturais.** Uberlândia, v. 5, n. 2, abr./mai./jun. 2008
- NOVÓA, Jorge, e NOVA, Cristiane (Org.). **Interfaces da história: caderno de textos.** v. 1, n. 1. Salvador: Bahia, 1998.
- NOVÓA, Jorge. Apologia da relação cinema-história. In: **O Olho da História: revista de história contemporânea.** Salvador, v.1, n. 1. 1998. p. 105-116
- NUNES, Nei Antonio, **O uso de filmes e documentários no ensino da Bioética.** Disponível em: <http://www.sorbi.org.br/documents/ARTIGO-GOPROF.NEIANTONIONUNES-OUSODO-AUDIO-VISUALNO.pdf>, acessado em 01 de junho de 2012.
- PARRA, Nélio. **Técnicas audiovisuais de educação.** São Paulo, Pioneira, 1985.
- PINSKY, Jaime. **Nação e ensino de história no Brasil.** In: O ensino de história e a criação do fato. São Paulo: Contexto, 1988.
- ROSENSTONE, Robert. **História em imagens, história em palavras: reflexões sobre as possibilidades de plasmar a história em imagens.** In: **O Olho da História: revista de história contemporânea.** Salvador, v.1, n. 5. 1998.
- RÜSEN, Jörn. **Razão histórica.** Brasília: UnB, 2001.
- SEVERO, Gerson Egas. **Com Lumière em sala de aula: uma contribuição.** Erechim: Edifapes, 2004.
- SCHMIDT, Maria Auxiliadora. Lendo imagens criticamente: uma alternativa metodológica para a formação do professor de História. **História & ensino: Revista do Laboratório de Ensino de História.** Vol. 4. Londrina: UEL, 1998.
- SILVA, Marcos Antonio da. (org). **Repensando a história.** Rio de Janeiro: Marco zero, 1984.
- TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis: Vozes, 2003.
- TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro. **A escola vai ao cinema.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

Entrevistas

- CAMPAGNARO, Marcos Antônio. **Entrevista.** Concedida a André Campagnaro e Thiciano Arthur Solagna, em 08 de abril de 2012.
- CANCELIER, João Ademir. **Entrevista.** Concedida a André Campagnaro e Thiciano Solagna, em 03 de abril de 2012.
- GIACOMELLI, Edete. **Entrevista.** Concedida a André Campagnaro e Thiciano Arthur Solagna, em 02 de abril de 2012.
- VANZ, Carlos. **Entrevista.** Concedida a André Campagnaro e Thiciano Arthur Solagna, em 02 de abril de 2012.